

## Uma abordagem indisciplinada dos espaços literários<sup>1</sup>

**Bertrand Westphal**

*Universidade de Limoges*

Tendo em conta o título deste breve ensaio, seria de mau gosto começar de outro modo que não por um traço de inocente indisciplina. Vejamos então... Pascal tinha uma maneira muito própria, não isenta de implicações geocríticas, de colocar a questão dos limites, do que era verdadeiro e da sua relatividade. Hesito em lembrá-la, pois tão banal se tornou, mas vou fazê-lo por mero rebate de consciência: “Verdade, para cá dos Pirenéus; contraverdade, para além destes”. Teria razão Pascal? Acreditamos que sim. Acreditamos nele. No entanto, alguns desmancha prazeres – ou, talvez nem tanto assim, uma vez que tudo depende do ponto de vista adotado – ousaram pôr em dúvida a sua palavra. Eis o que escreve o enigmático *joseta* que, a coberto do seu pseudónimo comenta, num fórum de discussão menos limitado do que outros, o *pensamento* do mestre, num quinquagésimo-sexto fragmento do género: “Não são as montanhas, mas os vulcões que nos fazem aceder à verdade”. É um pormenor importante, e *joseta* explica-se: só a “lava herdada”<sup>2</sup> fere. Verdadeiro ou falso, isto não se pode traduzir noutra língua que não a de Pascal ou de Voltaire. Tanto melhor, sem dúvida, porque os jogos de palavras tendem a tornar-se jogos de gente maldosa tal como aqueles que, como eu, os transmitem, todos contentes<sup>3</sup>. Em todo o caso, montanhas ou vulcões? Pirenéus, Vesúvio ou Etna, Teide, talvez? Deixo a cada um e a cada uma o cuidado de decidirem. Podemos também considerar, como José Saramago num

célebre romance, que a verdade é insondável, e fazer de conta que o que está aquém e o que está além dos Pirenéus se cinde, para deixar à Península Ibérica a liberdade de se transformar numa *jangada de pedra* que rasga as vagas do oceano na procura da verdade, à semelhança do dantesco navio de Ulisses, outrora. Mas não prossigamos no sentido dessas situações extremas! O discurso dos limites toma frequentemente um cariz geográfico, é verdade (eu disse, *verdade?*). Deixemos de parte, por agora, as fronteiras políticas. De qualquer fora, de ambos os lados dos Pirenéus, entre a França e a Espanha, as alfândegas já não constituem um grande obstáculo, mesmo se nem sempre assim foi. Entre disciplinas académicas, o traçado dos limites é quase tão tortuoso como o é para as chancelarias internacionais. E esses limites são muitas vezes mais estanques do que pode parecer no mapa-mundo. Entre disciplinas, a indisciplina não é habitual; só raramente assim acontece.

Em 1997, por ocasião de um interessante diálogo entre Gao Xingjian, que ainda não tinha sido laureado com o prémio Nobel da Literatura, e Denis Bourgeois, este observa que a ciência desobstrui o espaço, varrendo os seus obstáculos, ao que aquele acrescenta que a filosofia procede do mesmo modo. A réplica de Denis Bourgeois não se faz esperar: “Tens a certeza? [...] O filósofo constrói parqueamentos para conceitos, um arquiteto procura a melhor organização possível no espaço com uma dimensão, a do espírito, a de uma pseudo-racionalidade do discurso. Quanto ao artista, ele defronta-se com todas estas questões na sua crueza e tenta responder-lhes o melhor que pode, com meios menos arrazoados, num espaço completamente aberto e multidimensional” (Xingjian 2008: 80). A conversa desse dia interrompe-se aí; Gao não tem infelizmente ocasião de aprofundar o seu ponto de vista. O do seu interlocutor, pelo contrário, foi claramente formulado – talvez mesmo excessivamente: o artista e, consequentemente, o homem de letras estão no campo do que é verdadeiro; o filósofo e, consequentemente, o arquitecto estão no campo do que é falso. O espaço é unidimensional para uns, multidimensional para outros. Por entre as disciplinas erguem-se Pirenéus que se tornam de súbito intransponíveis. Não estou seguro de que os filósofos apreciem o resumo proposto por Denis Bourgeois.

Alguns anos antes, em 1988, o antropólogo Franco La Cecla afirmava, numa obra intitulada *Perdersi. L'uomo senza ambiente*, um título que poderíamos traduzir por *Se*

*perdre. L'homme sans environnement*<sup>4</sup>: A geografia do mundo não é um texto literário, os semioticistas e outros comparatistas devem compenetrar-se disso. Reduzir a paisagem a histórias significa que não se é capaz de lhe tocar, de sentir a irredutibilidade da sua escala de um por um, a sua tangibilidade<sup>5</sup>. O mundo é tangível para uns, intangível para outros. Por entre as disciplinas erguem-se Pirenéus que se tornam de súbito intransponíveis. Não estou seguro de que os filósofos apreciem o resumo proposto por Denis Bourgeois.

Poderia prolongar durante algum tempo este pequeno jogo com refrão, que revela até que ponto é binário o ponto de vista de uns e de outros sobre os espaços, o mundo e as disciplinas. A propósito, por que razão limitar-se a atirar a pedra ao próximo? Aprofundando um pouco este pensamento, deveriam citar-me como um mau exemplo. Eu não iria jurar que tivesse sempre poupado outrem e, em particular, o vizinho da disciplina do lado. A história do saber constrói-se sobre uma tradição de fechamentos de todos os tipos. Os conhecimentos são classificados por disciplinas, por grupos de disciplinas e quase sempre hierarquizados. Isto não diz só respeito às escolas e às universidades, mas também à nossa vida quotidiana. Todos tivemos já em nossas casas um pedreiro que interrompeu o seu trabalho porque teve de esperar pela vinda do electricista. Todos já fomos a um dado especialista, por exemplo, das vias respiratórias, com o qual teríamos gostado de falar de problemas articulatorios sem ousar, no entanto, fazê-lo, com receio de parecermos ingênuos e de ouvirmos: “Consulte o meu confrade reumatólogo, cuja secretaria fica no terceiro andar. Tem o elevador à sua direita”. A nossa existência consiste muitas vezes em elaborar uma cartografia dos lugares do saber indispensáveis ao nosso bem-estar, ao nosso conforto, à nossa saúde... Ora, quem diz cartografia diz organização racional e verdade estabelecida e ilustrada: quem poria em dúvida a fundamentação correta de um mapa? Não serve ele para nos facilitar a viagem através da complexidade do mundo?

Partilhamos habitualmente um regime de pensamento forte que tende a transformar o meio ambiente numa evidência, até mesmo numa lapalissada. Um mais um igual a dois; quinze minutos antes de morrer, ele estava vivo... Aqui está o que é inteligível, o que é controlável! Evidentemente, é possível formular o ideal do pensamento forte de um modo mais subtil. É o que faz Umberto Eco, num ensaio consagrado à árvore de Porfírio (*arbor*

*porphyriana*), que representou, no século III da era cristã, uma tentativa ambiciosa de classificação racional do saber extraída de um comentário (*Isagogè*) das *Categorias* de Aristóteles. O neoplatónico Porfírio tinha, de algum modo, lançado as bases do princípio da arborescência. O desafio consistia em pôr ordem no abundante reservatório de conhecimentos humanos ou, como diz Umberto Eco, em “reduzir o labirinto polidimensional a um esquema bidimensional”<sup>6</sup>(Eco 1997: 76). O princípio era o do pensamento forte. Para Eco, existem dois ideais de pensamento forte: um aspira a um pensamento suficientemente articulado para dar conta da complexidade e da organicidade do mundo que experimentamos; o outro consiste em “construir um mundo de modelo reduzido de modo a que um pensamento, não demasiadamente complexo a ponto de se tornar incontrollável no plano intersubjetivo, possa refletir a sua estrutura”<sup>7</sup> (*idem*: 52). Em resumo, ou se adapta o pensamento à complexidade do mundo, ou se adapta o mundo a um pensamento simplificado – mas para os dois casos, haveria muito a dizer, pois é bem visível o peso do artifício.

O esforço despendido por Porfírio não foi em vão. Teve mesmo um desenvolvimento extraordinário no início da Idade Média, uma época em que, visivelmente, se tornava urgente elaborar um balanço global dos conhecimentos em conformidade com uma lógica fundada sobre o princípio unificador de um monoteísmo triunfante. Surgiram então as artes liberais e as suas categorias. No século VI, o *quadrivium* foi composto por Boécio que, diga-se de passagem, tinha traduzido o *Isagogè* de Porfírio para latim. O *quadrivium* juntava aritmética, música, geometria e astronomia, ou seja, as ciências consideradas como matemáticas; quanto ao *trivium*, pensado, entre outros, por Cassiodoro, contemporâneo de Boécio, reunia gramática, retórica e dialética. Todas estas disciplinas constituíam, como disse, as artes liberais. O seu recorte corresponde à sólida e muito clássica repartição entre os ramos do saber, literário, de um lado, e científico, do outro. Aplica-se ainda hoje nos liceus. Em França, houve antes de 1995 um *bac*<sup>8</sup> A e um *bac* C; há agora um *bac* L (literário) e um *bac* S (científico). As reformas sucedem-se ao ritmo da mudança de ministros, mas a clivagem radical eterniza-se. Ao lado das artes liberais, apresentavam-se as artes “servis”, dizendo respeito ao artesanato e às belas-artes que, nos nossos dias, são todas objeto de um

ensino específico. Estaríamos tentados a dizer que, desde o alvorecer da Idade Média até hoje, nada de verdadeiramente novo brilhou debaixo do Sol, pelo menos neste campo. O fechamento entre disciplinas nasceu nos mosteiros medievais; foi perpetuado com alguma constância nas universidades deste início de milénio em muitos países.

Outra questão atravessou os tempos: existe ou existia uma disciplina soberana? Durante algum tempo, foi a filosofia. Segundo Hugues de Saint-Victor, sábio e místico saxão da primeira metade do século XII, “philosophia est ars artium, et disciplina disciplinarum, id est ad quam omnes artes et disciplinae spectant” (Saint-Victor 1973: 35). A disciplina dominante é aquela para a qual todas as outras convergem. Mas a paisagem é instável. Enquanto a escolástica estava no seu apogeu, a filosofia foi suplantada pela dialética, não sem uma torrente de controvérsias. Rabelais gozou com essa disputa feroz no seu *Pantagruel*, o que não obstou a que o combate, prosseguido nos círculos humanistas, se prolongasse por muito tempo. Talvez se tenha prolongado mesmo até ao momento em que as ciências ditas “exatas”, provenientes do antigo *quadrivium*, começaram a sobrepor-se às humanidades clássicas. A reviravolta ocorreu por finais do século XIX; foi-se consolidando ao longo do século seguinte e até ao nosso tempo. Em França, no século XIX, era permitido ao candidato redigir a sua tese em francês ou em latim, conforme o desejasse; em certas disciplinas, a tese em latim era mesmo obrigatória. Foi só em 1907 que a prova de composição latina foi retirada do concurso de agregação.<sup>9</sup> O declínio do latim corresponde cronologicamente ao surgimento das matemáticas e de outras disciplinas científicas no mundo do ensino. Esta oscilação, que é a consequência mais do que provável do positivismo e do mito do progresso científico que alicerçou, produziu ainda os seus efeitos em 2015. Ora, pelo contrário, uma parte dos que optaram pelas ciências na época contemporânea contrariaram esse ditame que faz das matemáticas a parangona de um pensamento forte. O primeiro teorema da incompletude formulado por Gödel em 1931 enuncia claramente o princípio dessa relativização – desde que o traduzamos numa linguagem acessível, como soube fazê-lo o matemático Stephen Cole Kleene: “Nenhuma teoria efetivamente produzida e capaz de exprimir uma aritmética elementar, pode ser simultaneamente coerente e completa. Em particular, para cada teoria formal coerente e efetivamente produzida que

demonstre certas verdades aritméticas básicas, existe um postulado aritmético que será verdadeiro sem ser demonstrado pela dita teoria”<sup>10</sup> (Kleene 1967: 250). Em resumo, não existe nenhuma linguagem perfeita, à qual a verdade seja consubstancial, porque essa verdade escaparia a qualquer sistema de prova. É por isso que toda a evidência é potencialmente uma evidência enganadora.

É significativo, julgo, que as primeiras alusões à necessidade de ultrapassar os limites das disciplinas, consideradas isoladamente, tenha ocorrido, *grosso modo*, a partir do momento em que o pensamento forte, que tinha acompanhado a modernidade e encontrado no positivismo a sua mais clara expressão, começava a dar sinais de enfraquecimento. É, com efeito, à Escola de Chicago, que imprimiu um impulso extraordinário às ciências sociais, que é costume atribuir a paternidade do raciocínio e, sobretudo, de uma metodologia interdisciplinar, a partir dos anos vinte e trinta do século XX, e sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial. Ainda hoje, mas fora da esfera sociológica e urbanista, existe um programa de “artes interdisciplinares” outorgado por um Departamento especializado do Columbia College Chicago. A “cidade ventosa” permanece uma referência na matéria – *nas* matérias.

Num plano diferente, essa abertura interdisciplinar foi anunciada e acompanhada pelo desenvolvimento de um jogo de metáforas em que o sentimento e o método, de algum modo, se reaproximaram. Os exemplos abundam; encontramos-os um pouco por todo o mundo. O *raga* é o quadro melódico no qual se desenvolve a música indiana. Em 1993, a romancista indiana Gita Mehta, cujos leitores, localizados sobretudo nos Estados Unidos, necessitavam de algumas explicações que lhe pareciam úteis, associou, como pede a etimologia do termo sânscrito, som e sentimento. Uma das suas personagens exprime deste modo essa ideia: “As *ragas* são a arquitectura da emoção”<sup>11</sup> (Mehta 1993: 220). Uma década mais tarde, Giuliana Bruno publicou um belo *Atlas of Emotion: Journeys in Art, Architecture, and Film* (2004). As emoções são aqui apreendidas através de uma arquitectura; com elas se elabora um atlas, como já o fizera Madeleine de Scudéry com a sua *Carte de Tendre*, três séculos e meio antes. De facto, e volto a repeti-lo, não se cessa hoje de cartografar todos os dados do saber, todos os sentimentos, tudo aquilo que compõe o humano. A fim de

encontrar o seu caminho num universo em que o excesso de informação desafia o sentido de orientação, o sociólogo e filósofo Bruno Latour propôs, há alguns anos, um programa universitário, MACOSPOL, cujo objectivo era *Mapping Controversies on Science for Politics*. No fundo, Latour estava confrontado com a mesma preocupação de Porfírio. De que modo cartografar o indefinido?

A literatura não lhe fica atrás. Em 2007, num livro que logrou alcançar grande sucesso, Peter Turchi explorava os *Maps of the Imagination: The Writer as Cartographer*. As metáforas aproximam hipóteses metodológicas e situações sentimentais ou emocionais; procedem de modo a colocar lado a lado as humanidades e as ciências ditas “duras”. Por outro lado, oferecem frequentemente uma valência espacial. A cartografia está indubitavelmente na moda. Também a paisagem, que pode ser mental ou corporal – o que Freud tinha demonstrado, e Rabelais bem antes dele. Lembremo-nos do mundo possível que se descobre na boca de Pantagruel. A geografia também se faz ouvir, e não é só uma disciplina mas uma metáfora literária prestigiada que Almudena Grandes, entre tantos outros, ilustrou no seu *Atlas de Géographie humaine* (1998). Poderíamos multiplicar os exemplos. Observaremos apenas que a sua frequência não parou de aumentar ao longo destes últimos anos. Muitas destas metáforas estão até já ultrapassadas.

De uma assentada, várias disciplinas aceitaram sair da sua zona de influência, para travar conhecimento com disciplinas próximas, cujo campo, como se sabe, é sempre mais apetecível do que o seu próprio campo. Por vezes, mas mais raramente, abriram as suas portas – ou as suas cercas, como convém a um campo – a outras disciplinas acerca das quais tínhamos compreendido que estavam mais vocacionadas para a descoberta do que para a conquista. A geografia passou assim a visitar a literatura desde os anos setenta do século passado. A assiduidade da sua presença aumentou a partir de finais dos anos oitenta. Em *La Géocritique* (2007), tive ocasião de mencionar o nome de alguns pioneiros nesta área, anglófonos, na sua maioria, cujos nomes cito, aleatoriamente: Denis Cosgrove, Stephen Daniels, James S. Duncan, David Ley, Derek Gregory, David Woodward, nomes aos quais se terá de acrescentar o de Marc Brosseau que, no Québec, defendeu a mesma causa em *Des romans-géographes*, em 1996. Entretanto, os geógrafos franceses seguiram os passos dos



seus confrades de Além-Mancha e de Além-Atlântico. Multiplicaram-se os colóquios que auscultavam as relações entre a literatura e as geografias. Mencionarei, a título de exemplo, o colóquio organizado por Lionel Dupuy e Jean-Yves Puyo na Universidade de Pau et des Pays de l'Adour, em Outubro de 2013: *Imaginaires géographiques et géographies de l'imaginaire – approches interdisciplinaires de l'espace*. Aí estão presentes as palavras-chave relativas ao diálogo entre disciplinas, tal como um amplo *corpus* de autores analisado do ponto de vista geográfico: George Perec, Frederico García Lorca, Josep Pla, Jules Verne, Richard Brautigan, etc.

Do ponto de vista literário, esta assiduidade foi durante muito tempo considerada suspeita, se não mesmo, reprovável. O estruturalismo dominante não apreciava muito o *hors-texte*,<sup>12</sup> a literatura parecia estranha à questão do referente (nomeadamente, geográfico), para além do que, reconheçamo-lo, as disciplinas literárias temiam ver-se enfraquecidas ao serem confrontadas com disciplinas científicas mais *duras* do que elas nos territórios do imaginário. Os geógrafos nem sempre foram bem acolhidos; pensava-se que eram incapazes de demonstrar um mínimo de “sensibilidade literária”; que teriam muita dificuldade em comentar outra coisa que não fosse a *forma de uma cidade*<sup>13</sup> – quanto ao *coração dos mortais*<sup>14</sup>... sim, Baudelaire devia dar uma volta dentro do caixão! A geopoética, tal como a praticou, e a pratica ainda, Kenneth White, constituía um limite que não se devia ultrapassar, uma concessão extrema feita ao fator geográfico na literatura e nas artes.

Admitiu-se por fim que, quando Julien Gracq, pseudónimo sob o qual se dissimula, como sabemos, o geógrafo Louis Poirier, declina as formas de uma cidade, o assunto pode tornar-se poético, e acabou por reconhecer-se que não havia motivo de preocupação com a serenidade *post mortem* de Baudelaire. Dito isto, Marc Brosseau não foi poupado pela crítica (literária), e os raros escritores que se aventuraram no terreno do referente tão pouco. Eu próprio guardo algumas lembranças comoventes dos anos noventa, em que a natureza “literária” dos meus trabalhos chegou a ser posta em causa por mais do que um. O novo milénio acalmou as hostes e permitiu ao *spatial turn* levar por diante o seu projeto. A geocrítica começou a desenvolver-se neste contexto, tal como outras abordagens do fenómeno geográfico, como a “geografia literária”, à qual Michel Collot deu,



particularmente, grande impulso, ou a Ecocrítica a qual, embora se tivesse desenvolvido a partir dos anos oitenta na América do Norte, tardou quase duas décadas a ser bem recebida e poder desabrochar num país como a França.

Gilles Deleuze e Félix Guattari propuseram uma distinção fundamental entre espaços lisos e espaços estriados. Creio que será inútil voltar a estes conceitos, tão bem conhecidos já de todos quantos refletem sobre a conceptualização do espaço. Destes dois autores, um intervinha como filósofo, o outro como psicanalista (tornou-se mais tarde o promotor da ecosofia). Tanto um como o outro se tinham apoiado nos célebres trabalhos de André Leroi-Gourhan, etnólogo e historiador. A marca distintiva entre espaços lisos e espaços estriados situa-se algures entre filosofia, psicanálise, história e etnologia. Em *Le Monde plausible* (2011), abordei os conceitos clássicos de espaço e de lugar numa ótica pós-deleuziana, procurando demonstrar de que modo o espaço, virtualmente aberto, tende a transformar-se em lugar fechado, em virtude do domínio que sobre ele exercem as sociedades – e sobretudo a sociedade ocidental, impregnada pela ideia dos territórios que lhe competia constituir e delimitar, frequentemente numa lógica colonial. Pretendi também tornar claro que o fechamento não é um fim em si, e que qualquer lugar se poderia voltar a tornar num espaço aberto sobre o imaginário e sobre um jogo de identidades genuinamente plurais.

Em certo sentido, convém que o estudo dos espaços se inscreva na tipologia acima mencionada. Esta poderia mesmo tornar-se num espaço aberto a todas as disciplinas – um espaço de partilha de metodologias e de hábitos que fugissem ao constrangimento monodisciplinar, à lógica do lugar fechado. Tratar-se-ia, em resumo, de regressar à mesma abertura polidimensional que tinha assustado Porfírio. Estudar o espaço, sob um ângulo literário, ou sob qualquer outro ângulo, supõe a abertura dos conhecimentos. A literatura está convocada mas, com ela, a geografia, a filosofia, a história, o urbanismo, e quantas mais. Sim, os espaços literários fazem apelo à indisciplina. O seu estudo também. Para que a indisciplina se possa tornar operatória, teremos de aceitar humildemente que ela se assuma como uma interdisciplina equilibrada.

## Notas

<sup>1</sup> Tradução do artigo previamente publicado em língua francesa, por Bertrand Westphal, “Approche indisciplinée des espaces littéraires”, na *Revista da Universidade de Aveiro-Letras*, nº 2 /II.Série) 2013/2014, p. 23-31, publicado em Abril de 2015. Ao autor, os nossos agradecimentos. Tradução de Maria Hermínia Laurel.

<sup>2</sup> *joseta*, no dia 18 de Dezembro de 2012, às 12h44, URL: <http://www.expressio.fr/expressions/verite-e-decades-pyrenees-erreur-au-dela.php>

<sup>3</sup> No mesmo fórum, mas dois anos antes, o (ou a) temível *mickeyla* foi desafiar Pascal até ao outro mundo, ele que não esperaria decerto tanto rancor póstumo: “A verdade do pior dos mais velhos permanece um erro no além”.

<sup>4</sup> NT: *Perder-se. O homem sem meio ambiente*. Obra não traduzida em português.

<sup>5</sup> “La geografia del mondo non è un testo litterario, com buona pace di semiotici e comparativisti. Ridurre il paesaggio a storie significa non essere capaci di toccarlo, di sentire l’irriducibilità della sua scala uno a uno, la sua tangibilità”. (La Cecla 2000: 145).

<sup>6</sup> “[...] ridurre il labirinto, polidimensionale, a uno schema bidimensionale” (Eco 1997: 76).

<sup>7</sup> “Ci sonno due ideali di pensiero ‘forte’. In un primo caso se aspira a un pensiero così complesso (ma al tempo stesso organico) che possa rendere ragione della complessità (e organicità) del mondo nella nostra esperienza, o mondo naturale. Nel secondo caso si aspira a costruire un mondo-modello ridotto in modo tale che un pensiero, non così complesso da essere incontrollabile intersoggettivamente, possa rispecchiarne la struttura” (*idem*: 52).

<sup>8</sup> NT: Bac: Grau universitário francês atribuído após a aprovação nos exames terminais do ensino secundário (bacharelato).

<sup>9</sup> NT: Agregação: corresponde, no sistema de ensino francês, ao concurso de admissão ao ensino universitário, como docente suplente.

<sup>10</sup> “Any effectively generated theory capable of expressing elementary arithmetic cannot be both consistent and complete. In particular, for any consistent, effectively generated formal theory that proves certain basic arithmetic rules, there is an arithmetical statement that is true, but not provable in the theory » (Kleene 1967: 250).

<sup>11</sup> “The raggas are the architecture of emotion” (Mehta 1993: 220).

<sup>12</sup> NT: Sublinhado nosso: tudo o que está para além do texto.

<sup>13</sup> NT: Sublinhado nosso. Alusão ao romance de Julien Gracq, *La forme d’une ville* (1985), e ao primeiro verso do poema de Charles Baudelaire, “Le Cygne” (1861).

<sup>14</sup> NT: Sublinhado nosso. Alusão aos textos citados *supra*.

## Bibliografia

Defaux, Gérard (1973), *Pantagruel et les Sophistes*, La Haye, Martinus Nijhoff.

Eco, Umberto (1997), «L'antiporfirio», in *Il pensiero debole*, a cura di Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, Milano, Feltrinelli [1983].

Kleene, Stephen Cole (1967), *Mathematical Logic*, New York, Willey.

La Cecla, Franco (2000), *Perdersi. L'uomo senza ambiente*, Bari, Laterza [1988].

Mehta, Gita (1993), *A River Sutra*, New York, Vintage International.

Saint-Victor, Hugues de (1973), *Didascalion. De Studio legendi, A Critical Text* edited by Brother Charles H. Buttmer, Washington D. C., The Catholic University of America Press, 1939, II, 1, *apud* Defaux.

Xingjian, Gao (2008), *La raison d'être de la littérature*, Suivi de «*Au plus près du réel*», dialogues avec Denis Bourgeois, La Tour d'Aigues, Aube.

**Bertrand Westphal** é Professor de Literatura Geral e Comparada na Universidade de Limoges, onde dirige a equipa de investigação «Espaces Humains et Interactions Culturelles». É autor de vários ensaios publicados na editora Minuit: *La Géocritique. Réel, fiction, espace*, 2007 (traduzido em português por Maria Hermínia Amado Laurel, em 2017); *Le Monde plausible. Lieu, espace, carte*, 2011; *La cage des méridiens. La littérature et l'art contemporain face à la globalisation*, 2016. Redigiu numerosos artigos sobre a geocrítica, da qual é o promotor; também escreveu ensaios sobre literatura austríaca (*Austro-fictions. Une géographie de l'intime*, Rouen, Publications des Universités de Rouen et du Havre, coll. Etudes Autrichiennes, 2010), sobre as representações do Mediterrâneo (*L'œil de la*

*Méditerranée. Une odyssée littéraire*, La Tour d'Aigues, Aube, 2005) e, sob uma perspectiva narratológica, sobre as transposições romanescas dos Evangelhos (*Roman et Evangile*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges, 2002). A sua abordagem comparatista é fundamentalmente interdisciplinar. Colabora regularmente com geógrafos e artistas plásticos.